



Capítulo 1 - Herança

“Maria Arruda era uma velha esquisita.” Esta é a frase que mais ouvi por ter o sangue da senhora excêntrica. Tão estranha a ponto de deixar toda sua herança para uma neta que mal conhecia.

Estaciono meu fusca ciano na porta do endereço que o advogado me deu. Definitivamente hoje não é o meu dia. Além de ter que trocar um pneu furado na estrada, precisei pedir informação três vezes, pois nesta cidade — ou melhor, vila — não tem sinal de telefone nem internet. Onde foi que me meti? Bom, não tenho outra opção, e talvez ficar não localizável seja o melhor agora.

Pego a urna com as cinzas de minha avó do banco do carona, saio do carro e encaro o barracão decrepito que me traz nostalgia. Arrisco dizer que tenho uma memória ou outra do pouco que vivi aqui, mas é improvável. A última vez que pus os pés neste fim de mundo eu tinha lá meus 3 ou 4 anos, mas nem me lembro do que comi no almoço de ontem.

Um roçar em minha perna faz com que meus ombros saltem e eu segure mais firme os restos mortais de minha avó. O miado me faz relaxar. Ao olhar para baixo, um gato caramelo vesgo com manchas marrons me encara de volta.

— Também está sozinho, amigo?

O bicho inclina a cabeça, um gesto simples, mas me faz derreter de amores.

— Bom, o que acha de sermos amigos? Prazer, o meu nome é Maria Bela. Sei que é um nome estranho, foi minha avó quem me deu. — Balanço a urna. — Mas pode me chamar de Maribela, o que também é esquisito, só que me acostumei por todos me chamarem assim.

Levo minha mão com cuidado em direção ao focinho do gato. Como resposta ao meu cumprimento, recebo uma mordida. O fio avermelhado desce pelos meus dedos e pinga no capim seco. Antes que eu solte um xingamento, vejo um garoto me olhando do outro lado da rua.

Aceno para a criança e abro o melhor sorriso que posso — nunca me dei bem com seres humanos, imagine com os de pouca idade. Como resposta, o moleque continua a me encarar como uma estátua. Não sei o motivo, mas minha nuca se arrepia.

Balanço a cabeça em negativa e solto um breve riso enquanto aperto o passo em direção ao meu objetivo. Eu, com medo de um pirralho? Besteira. Passo pelo portão de metal enferrujado, que range e torna toda a cena ainda mais parecida com um dos malditos filmes de terror que vejo ilegalmente nas noites de insônia.

O que um dia foi um jardim, não passa de um emaranhado de ervas daninhas e espinhos. A árvore que dava uma bela sombra está nua e seca. Caminho em direção à porta com

pintura rosa e gasta, ouço o tilintar de metais dançando com o vento. Objetos como este que está pendurado no teto não são proibidos?

Pego o molho de chaves do bolso apertado da calça jeans — maldito modelo feminino e nada funcional, deveria ter comprado a da sessão masculina, como queria, e mandado a vendedora para você sabe bem onde. Por fim, arranco as chaves e enfio uma delas na fechadura. Claro que não acerto de primeira, por qual motivo minha avó tinha tantas chaves?

Finalmente abro a porta, que faz um rangido mais parecido com um grito fino, o que me arrepiava. A primeira coisa que vejo ao entrar é o rosto de minha avó pintado na tela do quadro exposto na sala de entrada. Cabelos brancos e compridos presos em um coque, pele preta com leves marcações — apesar dos seus mais de 70 anos de idade —, os olhos esverdeados e o sorriso que trazia consolo a qualquer um que os olhasse lhe davam certa jovialidade. Não tive muito contato com ela, mas agora me pego com um aperto no peito e a vontade de a abraçar e pedir colo.

O gato passa pelas minhas pernas e entra antes de mim. Arregalo os olhos e seguro a urna mais firme. Esse bicho está na intenção de incentivar a minha vasta capacidade de causar desastres.

— Me trata mal, mas quer morar comigo? É como ouvi da minha amiga que prefere cachorros: relacionamentos com gatos são abusivos. Mas vou te dar uma colher de chá.

Mais uma vez, o bichinho olha para mim e inclina a cabeça. Maldito, como ousa fazer com que eu o perdoe com tamanha

facilidade?

— Precisamos de um nome para você. — Penso enquanto coloco a urna com as cinzas da dona Arruda na estante embaixo do seu retrato. — Vejamos... Salém? Não, não cairia bem colocar o nome de um personagem de uma série banida.

Caminho de um lado para o outro com o dedo polegar e o indicador acomodados no queixo, enquanto um braço serve de apoio.

— Vesgo? Não, acho ofensivo. — Continuo a zanzar de um lado para o outro, andar faz meu cérebro funcionar. — E se...

Como posso lembrar de uma coisa dessas? Não, quando aconteceu eu era apenas um bebê, deve ser uma daquelas memórias falsas que projetamos de tanto ouvir uma história. De todo modo, cruzo o barracão e sigo pelo corredor até a porta dos fundos. Repito a luta para encontrar a chave correta e, enfim, consigo entrar no quintal da dona Arruda, onde ficavam a extensão do seu jardim e a estufa — que continua inteira, apesar das vidraças amareladas e sujas.

Abro a porta branca de metal enferrujado, um sorriso surge ao ver as flores que pintam todo o lugar com uma infinidade de colorações. Ao contrário do jardim do lado de fora, é como se a minha avó ainda estivesse viva e cuidando de tudo. “Este era o seu lugar preferido”, dizia a minha mãe.

— Se precisamos de um nome, este é o lugar correto.

O gato me acompanha enquanto eu caminho entre os vasos.

— Sabe, quando eu nasci, a minha avó e a minha mãe me

trouxeram aqui para realizar uma tradição de família. Todas as mulheres tinham como primeiro nome Maria, mas o conjugado era escolhido aqui.

Toco os botões da roseira e sinto seu cheiro suave.

— A flor na qual a criança mostrasse interesse faria parte da sua identidade. Minha mãe, Maria Rosa. Minha avó, Maria Arruda. — Olho envolta, mas nem sei que flor ou planta teria este nome. — Quando foi a minha vez, minha mãe disse que eu ergui meus bracinhos e movi meu corpo em direção a esta aqui, com flores roxas, mas fique longe delas, viu!

Pego o gato no colo antes que ele se aproxime mais. Fecho o olho direito, me preparando para receber arranhões, porém ele se acomoda e fica quietinho.

— Essa é a beladona, a planta mais venenosa do hemisfério ocidental. Por isso me chamo Maria Bela, ou Maribela.

Deixo o bichano descer de meus braços.

— Agora é a sua vez. Vamos, qual delas você escolhe?

O bichinho caminha em meio aos vasos, cheira os cantos e olha para o nada. Que besteira a minha, como se um animal irracional entendesse o que falo. Coço a cabeça e sigo na companhia do gato em direção à saída da estufa, fecho a porta e volto para o barracão, mas paro ao ouvir os miados. Ao olhar para trás, vejo o gato sentado olhando para o alto, em direção aos frutos rosados e com pontas que parecem espinhos. Conheço esta fruta por causa de minha amiga que prefere cães e ama o sabor que eu não consigo sentir.

— Pitaia. Está aí, este será o seu nome! Até que combina com você, vide o estrago que fez na minha mão. Espinhento que nem a fruta. — Acho graça e coloco as mãos na cintura. — Pelo menos, um hobby eu terei nessas férias. Além de consertar o barracão, posso cuidar dessas plantas. Isso se eu tiver coragem, já que até um cacto fui capaz de matar.

Uma buzina toca na frente da casa. Vou pelo corredor e, quando abro a porta, sorrio ao ver um carro que conheço bem. Guilherme, o advogado de minha avó, sai e acena para mim, devolvendo um sorriso que me desestabiliza. Caminho até o portão antes de abrir espaço para que entre. Foi ele quem me contou sobre a herança e marcou de nos encontrarmos aqui.

Bom, quanto a ele me desestabilizar, tem alguns motivos:

1) Ele tem cabelo grisalho, sim, e é mais velho do que eu, talvez uns dez anos de diferença, mas o que posso fazer? Curto homens experientes.

2) O queixo dele é quadrado e com covinha. Pode me julgar, mas este detalhe me faz ficar com as pernas bambas.

3) Ele faz questão de usar terno mesmo neste calor infernal do Brasil, e o fato dos músculos dos braços e do peito quase estourarem os botões também é meu fraco.

4) Sem contar a barba por fazer.

5) E o pior de todos os fatores é a aliança que tem no seu dedo anelar esquerdo.

— A viagem foi tranquila? — A voz dele é grave, rouca e ao mesmo tempo suave.

— Sim, cheguei bem — minto.

— Ótimo, então vamos aos últimos detalhes.

Indico a mesa com duas cadeiras, que fica no centro da cozinha. Nós nos sentamos um de frente para o outro, então Guilherme tira da maleta uma caixa média de madeira, ornamentada com detalhes dourados e trancada com um cadeado.

— Sua avó me orientou a lhe entregar isso em mãos assim que entrasse nesta casa. Pediu que eu não contasse para mais ninguém quanto a este pertence.

Os dedos dele roçam nos meus enquanto me entrega a caixa. Coloco ela sob a mesa e olho nos seus olhos, como pode ser tão lindo e como eu posso pensar nessas coisas se a minha avó acabou de morrer?

— Bom, meu trabalho está feito. — Guilherme fica de pé.

— Espere! — Eu me levanto depressa. — Aceita um cafezinho? Não sei você, mas acordei cedo hoje para chegar aqui quando o sol raiasse. Se eu não tomar minha dose de cafeína diária, não vou me aguentar em pé.

— Se não for um incômodo. — Ele sorri acanhado.

— Imagina, faço questão. É o mínimo que posso fazer pelo excelente trabalho.

Abro as gavetas e armários a fim de procurar o pó, o açúcar e os utensílios. Felizmente encontro com certa agilidade, coloco a água para ferver e penso em algum assunto. Agradeço por Guilherme tomar a iniciativa.

— O que pretende fazer com o imóvel? — Ele apoia o braço na cabeceira da cadeira e se vira para mim. — Vai colocá-lo à venda?

— Não. Vou morar aqui — respondo enquanto olho as bolhas se formarem na água. — Por que a pergunta?

— Curiosidade. Você não parece o tipo de garota que moraria no interior.

— Acredite — digo ao colocar o pó no coador —, eu sou uma mulher cheia de surpresas.

Entrego uma xícara para ele e nos sirvo. Volto a me sentar à mesa e assopro o líquido quente enquanto sinto o aroma de minha bebida favorita.

— Fico feliz por ouvir isso. Este lugar é... seria uma pena abandoná-lo. — Ele toma um gole. — Você falou sério quanto a ser uma mulher surpreendente.

Minhas bochechas queimam ao ouvir tais palavras e ver o sorrisinho de canto de boca que se forma no rosto do advogado gato.

— Este é o melhor café que já tomei na vida.

— Ah, não é para tanto. — Sorrio e finjo modéstia. Não sou boa em muitas coisas, mas quando o assunto é café, eu me garanto.

— Grato pela bebida, agora preciso ir. O dia será longo. — Guilherme fica de pé e estende a mão para mim.

— Mais uma vez, obrigada por tudo. — Aperto aquela mão

imensa e me inclino para beijar seu rosto. — Aparece por aqui caso queira repetir a dose... — Engasgo com meu gesto arriscado e as palavras que podem ser mal interpretadas. — Digo, se quiser tomar outro café, já que gostou tanto e...

— Será um prazer. — Ele sorri.

Com um aceno de cabeça, ele sai da casa de minha avó — ou melhor, de minha casa —, entra no carro e me deixa sozinha. Respiro fundo e olho para trás. Só agora que estou aqui, no meio do nada, distante do que restou de minha família — não por vontade própria —, a solidão bate forte.

O miau e o roçar em minha perna me fazem sorrir. Pego Pitaia no colo mais uma vez e ele se aconchega, como se soubesse que eu preciso de um carinho neste instante.

— Nós vamos ficar bem, não é? — Acaricio a parte de trás da orelhinha dele. — Sim, tudo vai ficar bem.

Quando me viro em direção a mesa na cozinha, arregalo os olhos ao lembrar da caixa. O que será este último pertence que recebi como herança e por qual motivo tamanho cuidado? Bom, só há uma forma de descobrir.

Procuro no molho de chaves uma que possa encaixar no pequeno cadeado e não demoro a encontrá-la. Tem a mesma cor de ouro da tranca. O clack do cadeado aberto faz meu coração bater mais forte. Será dinheiro, joias? Nada disso. Pego o livro surrado com uma capa esverdeada e letras gravadas que formam o título: *As plantas curam*.

— Um livro de receitas de família? Sério mesmo?

Folheio-o com cuidado, caso contrário, as páginas podem se soltar de tão velho que este livro é. Além dos textos, que parecem ter sido escritos à mão, há ilustrações detalhando algumas folhas, flores e ervas. Provavelmente são instruções para cuidar do jardim.

O som de algo se estilhaçando no chão faz meus ombros pularem. Fico de pé pelo susto e, com o movimento brusco da cadeira atrás de mim, caio. Encaro o possível local onde o estrago foi feito e vejo a urna quebrada em dezenas de pedaços, as cinzas de minha avó espalhadas no chão.

— Pitaia! — grito ao ver o meliante se aproximando devagar e se posicionando de uma forma que eu não quero admitir. — Não! Pelo amor de Deus, não!

É tarde demais, o gato usa as cinzas de minha avó como uma caixa de areia. Corro em direção a ele, pronta para lhe dar uma lição, mas paro ao perceber que há algo de errado. O bichinho simplesmente trava, como se tivesse virado um animal empalhado, e seu corpinho tomba para o lado.

— Pitaia!

Pego o gato nos braços e limpo as cinzas de seu pelo, então coloco o dedo sobre seu peito e focinho, mas não percebo nenhuma resposta. Meus olhos ardem. Não, eu não quero perder mais ninguém! Minha mãe, meu pai, minha irmã, minha avó e agora isso? Por que eu estou condenada a ficar sozinha?

O miado faz com que eu abra um sorriso.

— Pitaia! — A lágrima escorre por meu rosto. — Você me deu um susto!

Arregalo os olhos ao perceber o detalhe nos olhos do bichano. O animalzinho não está mais vesgo, mas não é a única diferença. Estou ficando louca? Como não percebi que Pitaia tem heterocromia? Um dos olhos é azul, como o que eu jurava ter visto há poucos minutos; e o outro, verde.

Verde como os olhos da dona Arruda, que sorri para mim daquele quadro.[#f5db52](#)